

ARPILLERAS: BORDANDO A RESISTÊNCIA -UM ESTUDO PSICANALÍTICO

Ana Leticia Rodrigues Nunes

Tânia Aiello Vaisberg

Resumo

A presente pesquisa visa estudar narrativas de arpilleras, mulheres que se dedicam a uma prática artesanal que se constitui a partir de uma forma peculiar de bordados que contam histórias do cotidiano, sobre experiências vividas. Justifica-se como produção de conhecimento sobre modos como vítimas de sofrimentos sociais se cuidam mutuamente sem intervenção profissional. Organiza-se, metodologicamente, por meio da abordagem psicanalítica do documentário *Arpilleras: bordando a resistência*, obra que retrata a experiência de dor e perda vivida por mulheres atingidas por construção de barragens no Brasil. O filme foi assistido algumas vezes em estado de cultivo de atenção flutuante e associação de ideias com vistas à produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional, que correspondem à noção de inconsciente intersubjetivo. Foram criados/encontrados dois campos de sentido afetivo-emocional: “buscando compartilhamento” e “buscando reconhecimento”. O primeiro campo se organiza ao redor da crença de que a aproximação e o convívio com pessoas que se encontram sob a mesma condição social adversa são formas éticas e humanizadoras de enfrentar dificuldades. O segundo campo se organiza ao redor da crença de que denunciar a violência sofrida é uma forma ética e humanizadora de enfrentar dificuldades. O quadro geral permite afirmar que diante de condições concretas de vida opressoras, como as vividas por essas mulheres, vivenciar-se como capaz de denunciar o mal e a ter sua dignidade de ser humano reconhecida, parece ter-se constituído como um antídoto contra essas interações despersonalizantes

Palavras-chave: *arpilleria*, sofrimento social, documentário, método psicanalítico

Introdução

Dentre as centenas de milhares de pessoas que já foram atingidas por barragens no Brasil, as mulheres são aquelas que têm seus direitos mais violados. Além de perderem suas casas e espaços, alagados pelos lagos das barragens, são também atingidas por

um aumento exponencial dos casos de assédio sexual, tráfico de mulheres, prostituição e estupro, que se ligam à chegada de um grande número de operários a pequenas localidades que abrigam canteiros de obras.

Desde 2004, o Coletivo de Mulheres do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) organiza centenas de oficinas de arpillera, com o intuito de congregando mulheres impactadas pela construção de barragens para usinas hidrelétricas e mineradoras. A atividade consiste na produção de quadrinhos artesanais, montados em suporte de pano rústico proveniente de sacos de farinha ou batatas. Estes, lavados e cortados em quadrados, permitem que bordem ali sua própria história, da sua família e da sua comunidade. Os elementos que dão forma aos quadros coloridos são restos de tecidos, geralmente provenientes de trapos de roupas velhas, costurados a partir de pontos muito simples. Levam também fios de lã para realçar os contornos ou fazer bordados que, por vezes, incluem mensagens escritas. Aparecem, com frequência, bonecos tridimensionais, dando vida a personagens concretos. O artesanato surgiu em Isla Negra, no Chile, como forma de subsistência das mulheres locais. No entanto, popularizou-se à época da ditadura, quando chilenas se reuniam para, por meio das imagens de suas obras, denunciarem as violações aos direitos humanos que estavam acontecendo. Depois disso, a prática tem sido retomada, nos mais diferentes contextos e lugares do mundo, representando um fazer coletivo potente e transformador, que tem transcendido seu propósito original.

A construção de barragens é uma iniciativa que atinge de modo radical os moradores das áreas alagadas, na medida em que tanto moradias como espaços públicos comunitários são alagados e, desse modo, destruídos, o que resulta em experiências traumáticas de perda de referenciais básicos e importantes da vida comunitária. Assim, não temos dúvida de que se trate de um processo que gera sofrimentos sociais importantes, na medida em que os concebemos como sofrimentos emocionais socialmente determinados. Aiello-Vaisberg (2017) define sofrimentos sociais como padecimentos que ocorrem em espaços nos quais opressão, discriminação e exclusão se encontram vigentes, produzindo, como efeitos subjetivos, sentimentos de desamparo, humilhação e injustiça, bem como vivências de despersonalização/desumanização. Além disso, alerta para a necessidade de se produzir conhecimento que possa favorecer

intervenções clínicas que visem beneficiar pessoas cuja experiência vivida esteja traumaticamente marcada por sofrimentos sociais.

A experiência clínica acumulada, a partir da atuação em enquadres diferenciados “Ser e Fazer”, tem mostrado que o estudo dos sofrimentos sociais vem mostrando que, ao não oferecer “*holding*” mas, ao contrário, promover interações humanas opressivas, como vemos prevalecer na contemporaneidade, o ambiente social propicia o adoecimento dos indivíduos e dos grupos. Sendo assim, podemos afirmar que o estilo clínico “Ser e Fazer” pode ser considerado como uma das formas possíveis de cuidado aos sofrimentos sociais da atualidade, concretizando-se por meio de uma clínica que não prioriza o autoconhecimento ou as sentenças interpretativas, mas a sustentação da experiência de encontro e o reconhecimento da humanidade do outro. Nesse contexto teórico, o sustentar se vincula fundamentalmente à capacidade do terapeuta se manter sensível às necessidades daquele que está sendo cuidado, favorecendo, desse modo, a integração pessoal e o surgimento do gesto espontâneo criador. Portanto, podemos afirmar que a oferta de materialidades mediadoras, apresentadas conforme os fundamentos do Jogo do Rabisco, em um ambiente de cuidado e sustentação, permite que o analista facilite o acontecer de um brincar genuíno, por meio do qual o paciente pode ser espontâneo e criativo e ter seu próprio *self* fortalecido. Trata-se, portanto, de favorecer mudanças que, mais do que apenas reflexivas, são de fato existenciais e capazes de conduzir a pessoa a um reposicionamento diante de sua própria história (Aiello-Vaisberg, 2017).

Contudo, o fato de já contarmos com certa percepção acerca daquilo que, no contexto terapêutico, facilita a ocorrência de experiências mutativas, não nos impede de valorizar o estudo de situações humanas nas quais a superação de sofrimentos sociais pode se fazer por iniciativas dos envolvidos, sem participação de psicólogos. Entendemos que, desse modo, podemos produzir conhecimento sobre aspectos da interação humana que se revelam capazes de contribuir para a superação de padecimentos e traumas emocionais. Nessa medida, parece-nos conveniente propor o estudo psicanalítico de manifestações de pessoas que, enfrentando sofrimentos sociais ligados à construção de barragens, participaram de oficinas de arpillera e se dispuseram a narrar o vivido no documentário *Arpilleras: bordando a resistência* (2017).

Estratégias e Fundamentos Metodológicos

No clássico dicionário psicanalítico de Laplanche e Pontalis (1967), o vocábulo psicanálise firma que o termo abrange três diferentes significados, na medida em que corresponde a um método, a um conjunto de teorias e a uma forma de praticar clínica. Entre nós, veio Herrmann (1979) a afirmar, a partir de estudos rigorosos, que considerava extremamente importante a percepção de que tanto as teorias como as chamadas técnicas clínicas derivam do método, que deve assim ser considerado como dimensão invariante do campo psicanalítico. Assim equacionando a questão, Hermann (1979) descortina a possibilidade de usarmos o método psicanalítico não apenas para pesquisas que fazem uso de sessões de atendimento como material, mas para pesquisas que utilizam uma grande variedade de materiais, desde entrevistas e fenômenos sociais, até produções culturais e manifestações de internautas.

Como leitora de Herrmann (1979), Silva asseverou que (1990^a, pag20), *“quando se investiga a questão da pesquisa em psicanálise, o primeiro problema que surge refere-se ao domínio desse campo do saber. Porque logo se apresentou uma forte tendência a se restringir à terapêutica individual...Freud , no entanto, inventou-a maior: também uma teoria e , o que mais importa agora, um método de pesquisa. Esse método ele o empregou muito à vontade fora do setting, e mesmo quando estava em jogo não uma pessoa, mas um produto humano. Assim ele analisou, quadros, esculturas, livros, mitos, peças teatrais, instituições, etc. Assim ele analisou, inclusive, seus próprios sonhos, lapsos e dados biográficos”*. Percebemos, aí, o quanto a visão da psicanálise como sendo primordialmente metodológica amplia sua potencialidade heurística.

Ao refletir sobre o uso do método psicanalítico como estratégia investigativa nas ciências humanas, Ambrósio (2013) sustenta que, no momento de configuração/ produção do material de pesquisa, não é preciso que o pesquisador assuma um corpo teórico determinado, mas sim que se mantenha afastado de crenças, pressupostos e teorias, mantendo-os como que entre parêntesis, para que possa ser impactado pelo acontecer inter-humano. Para isso, é necessário manter o cultivo a atenção flutuante e a associação livre de idéias.

Entretanto, é importante lembrar que, se o método é invariante, os referenciais teóricos psicanalíticos são múltiplos e se alinham a dois diferentes modelos, denominados

estrutural-pulsional e estrutural-relacional (Greenberg e Mitchell, 1983). De nossa parte, subscrevemos, como teoria, a psicologia psicanalítica concreta, forma específica do modelo estrutural-relacional, que se distingue das demais por insistir que as interações interpessoais ocorrem, inevitavelmente, em contextos macrossociais. Nessa perspectiva teórica, considera-se que todas as manifestações humanas emergem a partir de campos de sentido afetivo-emocional, que correspondem a uma visão intersubjetiva de inconsciente. Dessa maneira, a partir de um método, que consiste em evidenciar o significado inconsciente, em termos intersubjetivos, buscamos estudar o documentário.

A partir das diversas exposições ao filme, em estado de cultivo da atenção flutuante e da associação de ideias, criamos/encontramos interpretativamente dois campos de sentido afetivo-emocional. Entendidos, estes, através dos conceitos de campo de Bleger (1963/1989), e de Herrmann (2001), como conjuntos das regras lógico-emocionais, que sustentam condutas em geral, entre as quais destacamos o imaginário coletivo (Aiello-Vaisberg; Machado, 2008).

Na pesquisa qualitativa com método psicanalítico, que toma a psicologia psicanalítica concreta como referencial, o método costuma ser operacionalizado em termos de procedimentos investigativos. No caso, distinguimos o procedimento investigativo de produção de material de pesquisa e o procedimento investigativo de interpretação do material de pesquisa. O requerido pelo procedimento de produção do material de pesquisa se cumpriu quando chegou ao nosso conhecimento o documentário que aqui estudamos. O procedimento investigativo de interpretação do material de pesquisa se fez pela observação das palavras de ordem metodológica de Herrmann (1979): “deixar que surja”, “tomar, o em consideração” e “completar a configuração do sentido emergente”. O trabalho se completou quando, feitas as interpretações, abandonamos o cultivo da atenção flutuante e da associação livre, para realizar uma retomada dos resultados interpretativos de modo reflexivo, elaborando uma finalização que corresponde ao que é normalmente compreendido como discussão.

Interpretações e Interloquções

Desse modo, criamos/encontramos dois campos de sentido afetivo-emocionais, “buscando compartilhamento” e “buscando reconhecimento”, dos quais trataremos na

sequência. O campo “buscando compartilhamento” organiza-se ao redor da crença de que a aproximação e o convívio com pessoas que se encontram sob a mesma condição social adversa são formas éticas e humanizadoras de enfrentar dificuldades. Para ilustrar, introduzimos alguns trechos dos depoimentos transcritos.

“E incomparável a força que tem dentro de nós, guerreiras. Somos uma para todas. Maria Alacidia. Altamira, Para. Maria de Fatima e Elaine.”

“Que através de um depoimento expresso na arpillera, quer se solidarizar contigo e teu povo.”

“Apesar de tudo, de todos esses problemas...a gente vai se reconstruindo a cada dia. Vai resistindo. Vai se unindo com outras pessoas. Alguns direitos conquistados. A gente vai tentaaaando se reerguer a cada dia.”

“Juntos, unidos, vamos vencer estes problemas!”

“Nao era só um sonho da gente. Era um sonho de muitas pessoas...A gente conseguiu”.

“Precisamos nos organizar, nos unir para nos tornarmos fortes ...”

“Resistimos porque dentro de nós, existem vocês. Nós somos as Marias, Claides, Alacidias, Fátimas, Tianas, Rosas, Elaines, Martas. Somos Simones, Patrícias, Marinas e Margaridas. E é por sermos coletivo que na luta triunfaremos. Somos fortes. Não somente pela força, mas pela esperança, por esse jeito de amar, cuidar e acreditar.”

“Eu, a Alacídia, Fatinha e Elaine somos companheiras também de luta. Conhecemos a luta com os mesmos objetivos, somos Atingidas por Barragens. Lutamos em companhia de todos. Queremos nosso direito de moradia, saúde e educação nos reassentamentos, nos quais há muitos problemas a ser corrigidos. Por isso que nós estamos aqui, sempre na batalha de conquistar os nossos direitos.”

“...estamos aqui representando todas as companheiras do Centro-Oeste, porque lutamos pelo mesmo objetivo de ter voz e vez. Desejamos vitória a todas e juntas seguiremos!”

“Eu falei: Meu Deus, que história de vida! Que guerreira, sinceramente! Ficou registrado não no meu pensamento mas na minha memória, no meu coração. E a partir daquele momento que eu a ouvi falar, já passei a amar ela. De imediato! Passei a ter amor. Aquele amor verdadeiro, mesmo.” A amiga responde: “Foi muito bom eu saber. Eu to orgulhosa de saber que ela se espelhou nimmim! Porque né... uma pessoa tão pequenininha assim, uma trabalhadora rural, neh?!” Simone: “Pequenininha, não! Grande!” A amiga: “Uma peça, uma pecinha do quebra cabeça.”

O segundo campo se organiza ao redor da crença de que denunciar a violência sofrida é uma forma ética e humanizadora de enfrentar dificuldades. Assim como fizemos para exemplificar o campo anterior, aqui trazemos algumas falas que evidenciam o atual.

”Aqui em Altamira quem fala maior é o que tem dinheiro. Entendeu? E a gente aprendeu lutar em reuniões de grupos de base. E até hoje nós tamos plantando um grupo de base em cada rua, assim... Porque é através da luta que eles recebem nós.”

”O que faz mais efeito aqui em Altamira é a nossa revolução. Porque se não... Mas que ficar parada, só sentada esperando, a gente não vai....! Se não for a luta, o grito do atingido, a voz do povo,...!

“Aqui, nós, Alacídia, Fatinha e Elaine deixamos esse recado a vocês: Lute, lute! Grite, grite! Não desista!

“...estamos aqui representando todas as companheiras do Centro-Oeste, porque lutamos pelo mesmo objetivo de ter voz e vez.”

“A primeira vez que sentou com nós e chamou pra negociar foi quando fizemos essa bagunça...”

Trazendo com muita vivacidade os campos anunciados, o filme termina com imagens de uma grande arpillera que, apresentando o contorno do mapa do Brasil, à medida que viaja pelo país, vai sendo preenchida com bordados. São trabalhos manuais de grupos de mulheres atingidas das cinco regiões do país, sempre acompanhados de cartas, através dos quais são compartilhados afetos e testemunhos sofridos de vida. Todos os trechos acima citados constam dessas correspondências que caminharam anexadas ao grande quadro bordado.

O conjunto dos dois campos indica que duas necessidades são fortemente sentidas por aqueles que apresentam sofrimentos emocionais socialmente determinados: 1) encontrar-se com pessoas capazes de se mostrarem sensíveis à dores vivenciadas; 2) posicionar-se de modo a denunciar o mal cometido, o que significa não sofrer de modo passivo e oculto. Estas duas necessidades aparecem como fortemente entrelaçadas, apontando que, por ser a vida humana fundamentalmente coexistência, o outro é sempre muito importante.

Cabe destacar que provavelmente a necessidade de compartilhar o sofrido vincule-se diretamente à necessidade de ser visto como pessoa humana, que se manteve integra malgrado ter sido alvo de interações desumanizadoras/ despersonalizantes (Aiello-Vaisberg, 2017). Essa necessidade de ser visto está na própria base da constituição do self como fenômeno dependente de um olhar capaz de ver no bebê uma pessoa, antes mesmo que ele assim se possa perceber (Winnicott, 1971). Por outro lado, a necessidade de denunciar parece se vincular a uma tentativa de sair de um estado confusional na medida em que estabelece uma distinção clara entre o bem e o mal. Estamos aqui diante de um problema que merece atenção, na medida em que diz respeito a funcionamento conforme a estrutura paranoide de conduta. Estamos bastante acostumados a pensar tal estrutura como evidencia de imaturidade, o que é verdadeiro no âmbito das relações entre pessoas totais em ambientes nos quais a humanidade está suficientemente preservada. Entretanto, aqui nos lembramos das advertências de Bleger (1963) quando afirma que essa é uma estrutura que pode se configurar em condições de saúde. Isso ocorre quando ameaças realistas estão em jogo, ameaças que, atingindo pessoas que vinham levando suas vidas de modo relativamente protegido, acabam por ser tão violentamente atacadas que se descobrem em campos confusionais. Se a confusão domina o quadro, a estrutura paranoide corresponderá a uma retomada de discriminação, necessária para que a vítima

possa perceber o que está ocorrendo e possa, assim, conduzir-se de modo a se defender e a se preservar.

Referências Bibliográficas

Aiello-Vaisberg, T. M. J. A. (2017) *Bol. Acad. Paulista de Psicologia, São Paulo, Brasil - V. 37, no 92, p. 41-62*

Ambrosio, F. F., Fernandes, R. A., -Vaisberg. T. M.J. A. “O Método Psicanalítico como Abordagem Qualitativa: considerações preliminares” – Jornada APOIAR, 2012.

Ambrosio, F. F. O estilo clínico « Ser e Fazer » na investigação de benefícios clínicos da psicoterapias. 2013. *Tese (Doutorado em Psicologia) PUC Campinas, Campinas -SP.*

-Bleger, J. (2002) *Psicologia de la Conduta*. Buenos Aires, Paidós (Original publicado em 2001).

-Conti, E. Atingidas por Barragem Bordando a Resistência. 2019. MAB. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PEu-AATb3TU>>. Acesso em: 22 de set de 2019

Greenberg, J. & Mitchel, S.A. (1983) *Object Relations in Psychoanalytical Theory*. Cambridge, Harvard University Press *Relações de Objeto e Teoria Psicanalítica*. Cambridge

Hermann, F. (1979) *O Método da Psicanálise*. São Paulo, EPU.

MAB, [ARPILLERAS COSTURAM RELATOS DE VIOLAÇÃO NAS BARRAGENS](https://www.mabnacional.org.br/category/tema/arpilleras), em <<https://www.mabnacional.org.br/category/tema/arpilleras>>. Acesso em: 22 de set de 2019

Visintin, Carlos Del Negro. MATERNIDADE E SOFRIMENTO SOCIAL ESTUDO DE MOMMY BLOGS. 2016. 111. Dissertação(Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas - SP .

-Winnicott, D. W. (1971) *Playing and Reality*. London, Tavistock.